

O TRIGO COMO METÁFORA DA VIDA E DA MORTE NA ANTIGUIDADE CLÁSSICA

Nuno Simões Rodrigues

Universidade de Lisboa

RESUMO

A presença do trigo em mitos tão significativos como o de Deméter é, primeiro que tudo, evidência da importância que esse cereal tinha na economia da cultura que o promoveu, designadamente da cultura grega. Mas é também sintoma de uma instrumentalização que tem como objectivo a transmissão de ideias estruturantes, como as que definem as concepções que o pensamento e a mentalidade em causa tinham relativamente à Vida e à Morte. É pois nosso objectivo fazer uma leitura dessas ideias, tentando averiguar a forma como a matéria e a natureza do quotidiano das comunidades humanas do Mundo Clássico acabaram por servir de matéria-prima à elaboração de um pensamento metafísico, que se materializou num dos mais célebres mitos da cosmovisão greco-romana: o mito Deméter e Perséfone e a forma como os ciclos da natureza nele se reflectem.

ABSTRACT

The presence of the wheat in important myths like the Demeter myth is, above all, an evidence of the importance of that cereal in Greek economy. But it is also an evidence of its use as a *medium* of transmission of structural ideas, such as those related to Life and Death. Our aim in this essay is to read those same ideas, trying to explain the way that Nature was Classical Antiquity's raw material to the construction of a metaphysic thought that was expressed, for example, by one of the most famous myths of the graeco-roman world: the myth of Demeter and Persephone and how nature cycles reflect within it.

No versículo 24 do capítulo 12 do *Evangelho de João*, um texto que terá sido escrito entre os anos 90 e 100 da nossa era, lemos:

«Em verdade vos digo: se o grão de trigo lançado à terra, não morrer, fica ele só; mas, se morrer, dá muito fruto.»

As palavras aqui atribuídas a Jesus de Nazaré, que as profere perante uma assembleia de judeus helenizados¹, são sintomáticas de um contexto cultural em que a metáfora usada estaria longe de ser desprovida de sentido. Efectivamente, não são poucas as vezes que,

¹ Cf. *Jo* 12,20-22.

nos Evangelhos, o Nazareno recorre à imagem do trigo (*sitos*) e, conseqüentemente, do pão (*artos*) para construir discursos alegóricos ou parabólicos. Apenas para citar alguns exemplos, recordamos as parábolas do trigo e do joio, do fermento dos fariseus, do sementeiro, do grão que germina, bem como o milagre da multiplicação dos pães e a bem conhecida invocação do Pai-Nosso². É nossa convicção de que tal acontece não por acaso, mas porque o exemplo baseado no trigo seria bem entendido pelos interlocutores destas palavras ou destes textos. E se, em parte, isso se deve à presença desse cereal na dieta regular daqueles homens, em grande medida, isso deve-se também ao contexto cultural mediterrâneo, designadamente aquele que predominou durante o período clássico ou greco-romano³.

No versículo citado, as palavras Daquele que é entendido como o Messias referem-se a Si próprio, configurando a imagem do deus que morre e ressuscita, comum nas culturas do Mediterrâneo Antigo e que aqui ganha sentido na metáfora do deus transformado em semente de trigo, que tem de morrer para que a sua missão divina se cumpra na plenitude. São várias as divindades que, no conjunto das culturas da Antiguidade, obedecem a este figurino, de Baal a Adónis, passando por Osíris e Dioniso. Mas é talvez no mito de Deméter, deusa grega da agricultura, que a percepção da necessidade de a divindade morrer, aliada à importância dos cereais, designadamente do trigo, matéria-prima do pão grego, e a associação da morte da figura divina aos ciclos da Natureza está mais bem definida e em que melhor se percebe a relação entre as realidades em jogo.

Na cultura grega, Deméter é filha de Crono e de Reia e irmã de Zeus, pertencendo, por isso, à designada segunda geração divina, também conhecida como a dos Olímpicos⁴. Esta deusa identifica-se com a terra, tal como a sua avó Geia (que é a própria Terra), mas é igualmente distinta desta, uma vez que Geia é concebida como um elemento cosmogónico, enquanto Deméter é fundamentalmente a deusa

² Mt 6,11; 13,36-43; 14,13-21; 15,32-38; 16,5-12; Mc 4,1-9.13-20.26-29; 6,34-44; 8,1-10.14-20; Lc 8,4-8.11-15; 9,10-17; 11,3; 13,33; Jo 6,1-15.

³ P. GARNSEY, *Alimentação e sociedade na Antiguidade Clássica: aspectos materiais e simbólicos dos alimentos*, Lisboa, 2002, 17-19, que faz notar que «a proeminência dos cereais na religião e na mitologia aponta para o lugar que estes ocupavam na vida material e espiritual da Antiguidade».

⁴ HES. *Theog.* 453-454.

telúrica da agricultura, muito em particular do trigo, sendo cultuada em todo o mundo grego, designadamente nas regiões em que esse cereal era produzido: os vales do Peloponeso, a Tessália, a Sicília e a Ática⁵. Na qualidade de divindade agrária e cerealífera, esta era descrita como a «deusa loura» e representada iconograficamente com a espiga de trigo (*astakhus*), tida como o seu símbolo mais paradigmático. Enquanto deusa da fertilidade, Deméter é também entendida como uma deusa-mãe, o que aliás tem sido sobejamente salientado por todos aqueles que se têm dedicado ao seu estudo. Não é demais recordar que a própria composição do seu nome, *De + Meter* (= deusa/terra + mãe), aponta para uma antiga divindade pré-indoeuropeia, ligada à vegetação e à fecundidade dos campos, que terá sobrevivido no panteão olímpico, não sem esforço e conflito com os pares uranianos, como aliás mostra o seu ciclo mitológico. O chamado *Hino Homérico a Deméter*, que tal como o conhecemos é datado do século VII a.C., constitui, aliás, um dos sintomas dessa fricção cultural, que se terá manifestado na Europa mediterrânea a partir de meados do IIº milénio a.C.⁶

Quer no mito quer no rito, Deméter aparece estreitamente ligada à figura da sua filha Perséfone. As duas formam, aliás, um par divino sintomaticamente conhecido como «As Deusas». São as «aventuras» de ambas que dão corpo ao mito eleusino, tal como é apresentado no *Hino Homérico a Deméter*, cujo principal sentido remete, por um lado, para os afamados Mistérios de Elêusis e, por outro, para a definição das divindades como patronas da agricultura, em especial do trigo, e, ao mesmo tempo, dos mortos. Relação que, como veremos, não é de todo desprovida de sentido, no universo da Antiguidade Clássica⁷.

O mito é bem conhecido, pelo que nos limitamos a recordar as suas linhas mestras. Segundo a antiga narrativa, Hades, o irmão de Zeus e Deméter que tinha a tutela do Mundo Inferior, apaixonara-se pela sua sobrinha Perséfone, igualmente chamada Cora ou «a donzela». Há que referir que esta era filha de Deméter com Zeus, sendo o incesto divino uma prática recorrente, reminiscência quiçá de uma antiga práxis

⁵ P. FOUCAUT, *Les mystères d'Eleusis*, Paris, 1992 (reimp. 1914), 69.

⁶ M. ELIADE, *Histoire des croyances et des idées religieuses/I – De l'âge de la pierre aux mystères d'Eleusis*, Paris, 1976, 303-308; M.L. WEST, *Indo-European Poetry and Myth*, Oxford, 2007, 120-164; H.P. FOLEY, *The Homeric Hymn to Demeter*, Princeton, 1993, *passim*.

⁷ Ver H.P. FOLEY, *The Homeric Hymn to Demeter*, Princeton, 1993, 80-81.

religiosa, ligada à soberania e seu exercício. Não resistindo à beleza da jovem, Hades decidiu raptar Perséfone, perante a cumplicidade de Zeus e o testemunho de Hélio e de Hécate. Desconhecendo o paradeiro da filha, Deméter percorreu então o mundo de dia e de noite, abandonando a sua morada no Olimpo e rompendo assim com a sua condição divina que naquele momento se revelara impotente, em demanda de Perséfone. Mas em vão. A deusa assumiu a forma de uma velha e acabou por chegar a Elêusis, onde foi recebida no palácio do rei Céleo e da rainha Metanira. O casal régio tinha vários filhos e Deméter ofereceu-se para cuidar do mais novo de todos eles, Demofonte, na qualidade de uma velha ama. Mas a deusa afeiçoou-se à criança e, sentindo igualmente vontade de recompensar os reis de Elêusis pela hospitalidade com que a receberam, decidiu conceder a imortalidade ao pequeno Demofonte. Para isso, todavia, tinha de passar todas as noites a criança pelo fogo, de modo a transformar as suas carnes mortais na substância que conferia a condição divina aos deuses. O processo começou a resultar e, de dia para dia, o pequeno Demofonte surgia aos olhos dos seus pais cada vez mais deiforme, pela beleza e robustez com que se apresentava. Metanira, porém, desconfiou de que algo estava a passar-se e decidiu espiar a ama. Uma noite, deu com a velha a passar Demofonte literalmente pelas brasas e não conteve um grito, que acabou por assustar a deusa. Segundo uns, interrompido o processo, Demofonte acabou por morrer carbonizado, segundo outros, caiu no chão e acabou por não se tornar imortal, incluindo-se deste modo no mito o antigo tópico de interrupção da imortalidade humana, de que é exemplo o bem conhecido caso do fruto do jardim do Éden, narrado no livro do *Génese*⁸. Seja como for, Deméter revelou a sua divindade a Metanira, proclamando a estupidez dos Homens, que não entendem os desígnios divinos. A ira aliou-se então ao desgosto. Deméter ordenou, por isso, que em Elêusis se construísse um templo dedicado a si, onde se refugiou, fazendo com que a Terra começasse a sofrer as consequências da sua dor, espalhando a esterilidade, a seca, a desolação e a fome por todo o lado. Ao verificar que a maldição que Deméter tinha lançado sobre a Terra, por causa do rapto de Perséfone e desde que a deusa se refugiara em

⁸ M. ELIADE, *Histoire des croyances et des idées religieuses/I – De l'âge de la pierre aux mystères d'Eleusis*, Paris, 1976, 304-305.

Elêusis, estava a levar os homens à extinção, Zeus decidiu contar à irmã onde estava a filha de ambos, antes que os homens se extinguissem pela fome e a própria existência dos deuses deixasse de fazer sentido. Hades viu-se, portanto, obrigado a permitir o regresso de Perséfone ao Mundo Superior.

Uma cilada gizada pelo deus infernal, porém, acabou por alterar definitivamente o destino das deusas. Por intervenção manhosa de Hades, Perséfone havia consumido um bago de romã no Mundo Inferior. Ora, segundo estava determinado, ninguém que alguma vez tivesse comido fosse o que fosse no reino dos mortos poderia abandoná-lo definitivamente. Este factor levou a que Zeus se visse na obrigação de propor um acordo entre Deméter e Hades: Perséfone passaria dois terços do ano junto da mãe, no Mundo Superior, e o restante terço com o agora marido, no Mundo Inferior. Assim aconteceu, e quando Perséfone regressava para os braços de Deméter, a Natureza reflorescia e dos campos brotava tudo o que a terra tinha para dar. Pelo contrário, quando Perséfone se recolhia junto do marido e ocupava o seu lugar como rainha dos mortos, também a Natureza morria, aguardando o início do próximo ciclo de vida.

Depois de ter reencontrado e recuperado a filha, Deméter decidiu recompensar a casa real de Elêusis, revelando ao filho mais velho de Céleo e Metanira, Triptólemo, o segredo do cultivo do trigo, passando doravante os Eleusinos a semear esse cereal e a comê-lo, na forma de pão e de papas, na vez da cevada que antes consumiam. Além disso, a deusa ofereceu ao jovem Triptólemo, que aqui funciona como alter-ego do homem primordial, um arado e um carro puxado por dragões alados, encarregando-o da missão de espalhar o trigo e de ensinar a agricultura pelo mundo. A deusa não teria assim apenas dado o trigo aos homens, mas também ensinado a cultivar a terra, garantindo a sua sobrevivência. Por fim, Deméter iniciou ainda o príncipe, juntamente com os seus irmãos, nos Mistérios que garantiam a felicidade no Além e que viriam a transformar Elêusis num dos principais santuários do Mundo Antigo⁹.

⁹ O mito vem narrado no *Hino Homérico a Deméter, passim*, e em APOLLOD., *Bib.* 1, 5, 1-3. O mito de Ino inclui também a maldição sobre o cereal. Existe uma alternativa a esta versão do mito do trigo, protagonizada pela figura de Iásion, em D.S. 5, 48; ver K. KERÉNYI, *Eleusis: imagen arquetípica de la madre y la hija*, Madrid, 2004, 140.

É evidente que o mito etiológico de Deméter se enquadra nas típicas narrativas que se associam a cultos de fertilidade, fazendo parte do *corpus* de tradições que dão forma aos mitos da vegetação e dos ciclos da Natureza. Tais narrativas míticas correspondiam, portanto, a cultos inerentes à experiência religiosa das sociedades agrárias, ligando-se à vida, que se manifesta nas sementes, na terra cultivada e que faz do acto de semear um ritual sagrado. Note-se que os gestos do agricultor se tornam responsáveis por graves consequências, uma vez que se inserem numa ordem cósmica¹⁰. De igual modo, o ciclo da vida integra a experiência da morte, sendo que, neste quadro, esta se revela uma alteração provisória, que ganha sentido com a expectativa do regresso da Primavera e, consequentemente, da própria vivência. Há que ter em conta que o Homem antigo vivia em constante ansiedade perante a possibilidade de assistir ao esgotamento das forças naturais que o rodeavam e nas quais ele radicou a sua subsistência. Esse mesmo Homem zela, por isso, pela sua manutenção, apelando a tais forças para que continuem a assegurar a sua existência. Isso não exclui, portanto, o drama que a morte simboliza neste contexto. Estabelece-se assim uma solidariedade entre a terra que recebe a semente e a que recebe os corpos dos mortos, que por sua vez colaboram na fortificação da matéria que possibilitará o regresso da vida¹¹. Ambos têm em comum o facto de penetrarem a Terra Mãe, que é também uma das garantias da fertilidade. Percebe-se então que a vida vegetal se regenera através de um desaparecimento ilusório e aparente, que consiste no acto de enterrar a semente, mas que ao mesmo tempo consubstancia a esperança na vida que há-de vir. Este factor estrutura o carácter soteriológico dos cultos e práticas religiosas aqui enunciados, justificando desse modo aquilo que conferia sentido aos Mistérios eleusinos, que aparentemente prometiam ao crente e ao iniciado, através da visão suprema ou *epopteia*, uma existência mais afortunada no mundo *post mortem*¹².

¹⁰ M. ELIADE, *Tratado de História das Religiões*, Lisboa, 2004⁵, 413.

¹¹ M.L.G. MASSI, *Deméter: a repulsão medida*, São Paulo, 2001, *passim*; S.S.M. de CARVALHO, «Les Mystères d'Éleusis», *DHA* 18/2, 1992, 93-135.

¹² Na sequência do que se via em Elêusis, a alma do iniciado passava a usufruir, depois da morte, de uma existência feliz. Ver M. ELIADE, *Tratado de História das Religiões*, Lisboa, 2004⁵, 305-308. É provável que se visse a espiga de trigo enquanto

Também por essa razão, em alguns lugares da Grécia, havia a prática de se enterrar, durante o Inverno, uma boneca feita de trigo, que era recuperada no início da Primavera, prática que se encontra testemunhada em alguns vasos pintados¹³. Este acto funcionava como repetição cíclica e contínua, tal como na Natureza, do rapto/morte de Perséfone e, por consequência, como alegoria e metáfora do processo de sementeira do grão de trigo, lançado à terra entre Outubro e Novembro e colhido entre Abril e Maio¹⁴. Na verdade, esta era uma expressão colectiva e uma interpretação popular do regresso ao equilíbrio cósmico. Podemos ainda afirmar que esta corresponde a uma «concepção seminal» da realidade, em que o tempo cíclico se define pelos eixos da fecundação, a que se sucede a vida e depois a morte e de novo a fecundação, e assim sucessivamente¹⁵.

Assim se entende por que razão deuses ligados ao domínio ctónico-vegetal se assumem igualmente como divindades fúnebres. Estamos também, portanto, perante o que explica o laço maternal entre Deméter e Perséfone, que é como quem diz entre o trigo/pão/vida e a morte/ressurreição, acabando ambas as deusas por ser as diferentes faces e manifestações de uma única e mesma divindade¹⁶. Na Grécia, simplesmente aconteceu que a deusa da agricultura e dos cereais se poetificou na forma da mãe da deusa do mundo dos mortos. E, de algum modo, justifica-se assim também a presença de Hécate, entidade divina ligada ao mundo das sombras, no mito em causa. Alguns investigadores viram mesmo nas figuras de Cora, Perséfone e Hécate três estádios da mesma divindade, *i.e.*, a deusa na sua forma tríade, correspondendo cada designação a um momento da sua evolução, enquanto alegoria/metáfora do próprio trigo: Cora seria o símbolo do cereal ainda verde; Perséfone o da espiga madura; e Hécate o do trigo

símbolo da felicidade, K. KERÉNYI, *Eleusis: imagen arquetípica de la madre y la hija*, Madrid, 2004, 125; W. BURKERT, *Ancient Mystery Cults*, Cambridge, Mass., 1987, 80-81.

¹³ Ver e.g. G.M.A. RICHTER, «An Athenian Vase with the Return of Persephone», *The Metropolitan Museum of Art Bulletin* 26/10, 1931, 245-248.

¹⁴ R. GRAVES, *Os mitos gregos – I*, Lisboa, 1990, 87; K. KERÉNYI, *Eleusis: imagen arquetípica de la madre y la hija*, Madrid, 2004, 198, n. 36.

¹⁵ M.T. GONZÁLEZ CORTÉS, *Eleusis, los secretos de Occidente. Historia agraria y bélica de la sexualidad*, Madrid, 2000, 107.

¹⁶ M.T. GONZÁLEZ CORTÉS, *Eleusis, los secretos de Occidente. Historia agraria y bélica de la sexualidad*, Madrid, 2000, 41.

já ceifado, *i.e.* morto, pronto para ser transformado em farinha e dar origem ao pão e desse modo sustentar a vida¹⁷. Uma vez mais, lá está a dialéctica vida/morte. Outros chegaram a sugerir que na «morte» de Perséfone (que em última análise é de facto uma deusa que morre e ressuscita, de acordo com as divindades referidas no início desta exposição, visto que o rapto simboliza a sua morte) estaria a origem dos próprios grãos de trigo, o que torna a relação entre o cereal, a vida e a morte ainda mais intrínseca¹⁸.

Nesta abordagem há ainda uma outra questão que deve ser tida em conta. Trata-se da associação natural que parece existir entre o feminino e a agricultura, aquilo a que Eliade chamou a «solidariedade mística entre a fecundidade da terra e a força criadora da mulher» e que dá consistência ao que o mesmo historiador designou como «a consciência agrícola». A fecundidade da mulher imita a da terra e influencia a fertilidade dos campos e vice-versa, resumindo-se tudo numa única palavra: vida¹⁹. Deméter encarna assim a Mãe, símbolo uterino que, depois de recuperar a filha, devolve à terra a sua própria capacidade reprodutora²⁰. Por essa razão, na Grécia, se rogava a Deméter pela abundância de cereal, orava-se à deusa entendida como a entidade reguladora dos ciclos da Natureza, baseados no equilíbrio cósmico entre a Vida e a Morte, como referimos²¹. Eis um exemplo, registado por Ateneu de Náucratis:

«[Ó Deméter,] que os molhos de espigas venham, muitas espigas, que os molhos de espigas venham.»²²

É quando assume a forma de uma velha, metáfora da mulher estéril e da proximidade da morte, que a divindade recorda que pode

¹⁷ R. GRAVES, *Os mitos gregos* – I, Lisboa, 1990, 87. Graves relaciona-a com a tripla deusa pré-helénica.

¹⁸ M. ELIADE, *Tratado de História das Religiões*, Lisboa, 2004⁵, 306.

¹⁹ M. ELIADE, *Tratado de História das Religiões*, Lisboa, 2004⁵, 440. Não deixa ainda de ser curioso que Pluto, a abundância ou riqueza, tido como filho de Deméter e Iásion, veja o seu nome derivado de Plutão, o Hades; K. KERÉNYI, *Eleusis: imagen arquetípica de la madre y la hija*, Madrid, 2004, 137.

²⁰ M.T. GONZÁLEZ CORTÉS, *Eleusis, los secretos de Occidente. Historia agraria y bélica de la sexualidad*, Madrid, 2000, 39.

²¹ A., *Sup.* 260; PLAT., *Crat.* 404b.

²² ATHEN. 14, 618e (= *PMG* frg. 849).

também ser uma ameaça, pela capacidade paradoxal de produzir a infecundidade e a esterilidade²³. De igual modo, as Tesmofórias, festas em honra de Deméter, celebradas em Atenas apenas por mulheres casadas, por alturas de Outubro/Novembro (11 e 13 de *Pyanepsion*), tinham como ponto central um mistério. Este era conhecido apenas pelas que nelas participavam, e tinha como objectivo assegurar a fertilidade, após as sementeiras do início do Inverno. O ritual incluía a troca de ditos obscenos e jocosos, em memória das palavras da serva, que haviam feito rir a deusa disfarçada de velha, na casa dos reis de Elêusis, e suscitado nela a vontade de comer papas de trigo, anunciando a recuperação da vitalidade.

Todos estes elementos podem ser reconhecidos no mito de Deméter, que funciona como uma etiologia para a difusão do trigo como cultura agrária central na Antiguidade Clássica e, consequentemente, para o pão enquanto elemento básico da dieta mediterrânea. Ainda que este não seja o único mito clássico centrado naquele alimento, ou no trigo (como mostram e.g. mitos do combate de Deméter contra Hefesto e Dioniso, o mito de Gavanês, o de Himália, o de Ânio, o de Iásion e o de Erecteu – alternativo ao de Deméter enquanto introdutora do trigo na Hélade), será, no entanto, o mais significativo, pela importância que assumiu no sistema religioso do mundo greco-romano.

Assim se confirma ainda a imagem do trigo enquanto símbolo da vida, da justiça, da paz e da ordem, e a da sua falta enquanto representação da guerra, da doença e por fim da morte, ou do caos em geral, o que aliás acontecia também noutras culturas do mundo antigo²⁴.

Apesar de no *Hino Homérico a Deméter* se encontrar uma única referência à agricultura, que significativamente trata a substituição da cevada pelo trigo²⁵, essa actividade é a essência do poema, fazendo de Deméter uma divindade civilizadora. Como notou Eliade, «a descoberta da agricultura teve consequências decisivas por uma razão muito diferente. Não foi o crescimento da população nem a sua

²³ *Hymn. Hom. Dem.* 94, 102, 305; M.T. GONZÁLEZ CORTÉS, *Eleusis, los secretos de Occidente. Historia agraria y bélica de la sexualidad*, Madrid, 2000, 39.

²⁴ Cf. *Od.* 19, 109-113. E.g. a cultura egípcia, através do *Livro dos Mortos*; ver M.T. GONZÁLEZ CORTÉS, *Eleusis, los secretos de Occidente. Historia agraria y bélica de la sexualidad*, Madrid, 2000, 66.

²⁵ *Hymn. Hom. Dem.* 450-456.

superalimentação que decidiram do destino da humanidade, mas a *teoria* que o Homem elaborou ao descobrir a agricultura. O que ele *viu*, nos cereais, o que ele *aprendeu* neste contexto, o que ele *compreendeu* do exemplo das sementes que perdem a sua forma debaixo da terra, tudo isso constituiu a lição decisiva. A agricultura revelou ao homem a unidade fundamental da vida orgânica. A analogia mulher-campo, acto gerador-sementeira, assim como as mais importantes sínteses mentais foram essenciais para a evolução da humanidade e não foram possíveis senão depois da descoberta da agricultura. É na mítica agrária que se encontra uma das raízes do optimismo soteriológico: tal como a semente escondida na terra, o morto pode ter esperança...»²⁶ O aspecto mental da questão é pois superlativo.

Não queremos terminar, porém, sem recuperar o tema com que iniciámos esta breve reflexão. Começámos com uma alusão a Jesus de Nazaré e, por consequência, ao cristianismo. Ao longo do texto, centrámo-nos sobretudo no que vícios de forma vieram a chamar comóda, mas não realisticamente, de «paganismo». A verdade é que para o historiador, é impossível entender e explicar um sem o outro. Sendo esta, todavia, uma problemática que nos levaria a muitas outras questões, que não cabem nesta apresentação, contentar-nos-emos em simplesmente recordar que o cristianismo não soube, ou simplesmente não pôde, escapar à sua matriz cultural.

²⁶ M. ELIADE, *Tratado de História das Religiões*, Lisboa, 2004⁵, 447.